

Samuel
Heuwald



10 minutos

VISEU

Editor

Thiago Regina

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Samuel Heuwald

Copidesque

Jade Souza

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Heuwald, Samuel

10 Minutos / Samuel Heuwald – Maringá : Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-289-4

1. Ficção 2. Literatura brasileira

I. Heuwald, Samuel II. Título.

82-3

CDD-869.1

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Ficção: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Prólogo

Já sentiu a brisa do vento batendo em seu rosto, não muito gelada, em um dia quente. Essa é a sensação de paz que eu procuro sentir a muito tempo. Minha alma está liberta de tudo que antes pesava em minha consciência, mas não por que me arrependo de meus pecados. Mesmo que com o pouco de tempo que passei tendo todo esse ódio, eu simplesmente não aprendi nada.

Estou deitado na grama molhada do Parque Armistício com os olhos fechados. O sol está tão quente que o seu calor está queimando meu rosto. É o sol do meio dia com toda a certeza já que está bem no centro do meu rosto. Minha barba está branca e grande, já que eu não a faço a um bom tempo. Estou vestido de roupas sociais dos pés à cabeça e estão completamente imundas. Antes eram cinza, mas agora está quase no preto.

Minha identidade é insignificante, eu poderia muito bem ser você. Mudei muito e algumas coisas não foram nada boas, mas nada do que passou deve ser desfeito e tudo teve seu melhor dos motivos, ou o pior.

Então escuto passos pesados se aproximando de mim. Eles vêm na minha direção. Eu me inclino para o lado direito apoiando-me sobre o meu braço direito que estava com um corte horrível, mas já havia parado de sangrar. O vejo se aproximar de mim com um sorriso confuso. Como se pedisse permissão para aproximar. Suas roupas estão tão sujas quanto as minhas e ele tem um ferimento de faca na perna. Chegou até próximo de mim mancando. Ele não parece muito feliz e muito menos satisfeito. Seu rosto faz algumas rugas enquanto tenta sorrir, mas falha miseravelmente.

Mas isso é o que se sente quando se busca vingança.

Meus olhos doem muito como se tivesse há muito tempo fechados. Sinto a remela impedindo que eles se abram. Então

para se retirar a barreira que me impede de enxergar, eu passo os dedos secos e áridos nos meus olhos e tenho excelentes resultados. Consigo enxergar.

Quando começo a observar a minha volta eu percebo que não estou reconhecendo o lugar. Estou dentro de um apartamento que visualmente está muito acabado. Cama, porta, janela e uma cômoda. Não tem nada mais aqui dentro do quarto fora isso, mas ainda não reconheço o lugar. Eu não me recordo de como cheguei aqui ou o porquê nenhuma dessas peças ou papéis de parede eram familiares para mim. Tento me lembrar de alguma coisa da noite passada, mas sinto uma dor muito forte na minha cabeça. Não parece enxaqueca e nem mesmo resultado de um fim de balada que não foi nada bem.

Com meus dedos passo a mão em meu coro cabeludo procurando qualquer machucado ou galo que poderia ser resultado de algum objeto que tenha sido lançado sobre a minha cabeça e talvez pudesse ter sido um vaso que tenha caído enquanto eu dormia, por isso olho no chão dos dois lados da cama e tudo que vejo é uma pantufa rosa. Não um par, apenas uma pantufa. Ela é peluda do lado de fora e esse detalhe me faz lembrar pequenos ratinhos *asquerosos*. Eu não gostava muito de ratos e pensar que se parecia com um me incomodava um pouco. Admito que eu fiquei encarando ela por tempo suficiente para ver se não sairia andando por aí como um rato de verdade.

Com essa excitação toda de ratos e perda de memória acabei me esquecendo de comentar o melhor dos detalhes, minha camiseta está cheia de sangue. E ele não é meu. Para uma camiseta branca comum, ela já estava começando a ficar rosa nas laterais onde não havia sangue e um vermelho bem forte no meio. Era bem vivo.

Isso me preocupa muito por que eu não me lembro de nada. Onde eu estou ou por que estou aqui com uma camisa que mais parece à menstruação do *Godzilla* é ainda uma dúvida bem cruel para mim. Eu sabia que estava encrocado de alguma forma, já que não é todo dia que você se vê em uma situação como essa. Você não acorda e fala para seus amigos:

“Ei! Minha camiseta está com sangue. Menstruei pelo umbigo”.

Todo esse sangue me deixa angustiado e toda a situação martela em minha cabeça como um juiz, mas de longe não é o que mais me assusta. De onde é que veio o sangue? Eu não sei e estou com medo da resposta.

Eu penso que seria uma boa ideia levantar e ir buscar alguma ajuda, mas quando tento levantar da cama meu cérebro leva uma pontada de uma faca que me faz duvidar se realmente não tem algum objeto pontiagudo dentro do meu cérebro. Isso dói como nunca doeu e se alguma vez o fez assim antes eu não me lembro. Por meio minuto fico sentado segurando minha cabeça como se ela fosse cair do meu pescoço, criar vida própria e sair andando por aí. Igual os jovens em que a primeira oportunidade que os jovens tiverem eles perdem a cabeça seja de dentro da calça ou no asfalto.

Por mais alguns segundos eu me seguro até que finalmente tenho forças para me levantar piso na pantufa rosa e me assusto pensando ser um rato. Na mesma hora meu calcanhar bate na cama e meus nervos doem. Ficam formigando.

Ridículo. É o que eu digo dentro da minha cabeça, mas ainda olho em volta procurando algum rato que poderia estar neste apartamento. Ridículo. Repito em meus pensamentos.

O apartamento é velho e consigo escutar o som das madeiras rangendo quando a vizinha obesa pisa com o dedão do pé na madeira. “*Meu Deus... Vai tudo cair!*”, mas nada cai. Nenhuma madeira e nem mesmo um cano solto. Incrível como uma estrutura dessas consegue suportar os inquilinos mais barulhentos conhecidos pelo homem.

Vou até a janela procurando saber minha localização, mas não vejo muita coisa. O céu está em um cinza morto e ainda são apenas cinco horas. Sei disso por que tenho um relógio em meu pulso. Não consigo ver muita coisa já que tem outro prédio cobrindo boa parte da minha visão, mas há um beco com pelo menos uns três andares abaixo e está cheio de latas de lixo que

estão cheias e algumas caçambas abertas. No fim do beco consigo ver o nome de uma rua: Rua 5. E do outro lado da rua há uma farmácia e uma casa de tijolos avermelhados. Quando eu tento abrir a janela para ver mais alguma coisa percebo que ela está emperrada então volto o olhar para o quarto.

Sinto uma dor estranha na minha cabeça de novo, mas desta vez não é a faca dentro do meu crânio. Essa dor é diferente é como se alguma coisa dentro da minha cabeça queimasse de dentro para fora e então como mágica minha visão começa a perder cor fazendo tudo ao redor desbotar a cor até que fiquem o mais próximo do vermelho e então o preto absoluto. Por longos segundos é apenas escuridão até que as cores voltam e eu não estou no mesmo quarto, desta vez é um maior e igualmente acabado e vazio. As paredes possuem uma tonalidade tão escura que fico perdido na escuridão e no que poderia ser um pilar no centro do quarto. A tonalidade das paredes pode ser apenas porque não havia iluminação no ambiente. As paredes possuem várias palavras escritas com giz de cera luminoso de cor vermelha, azul e roxo. É uma letra de criança. Eu sou uma pessoa má. Mereço ser punido. Está escrito na parede. Várias vezes em todos os lugares.

“Eu sou uma pessoa má. Mereço ser punido.

Eu sou uma pessoa má. Mereço ser punido.

Eu sou uma pessoa má. Mereço ser punido.”

Escuto alguém bater na porta e então sigo em direção a ela. A cada passo que dou os sons parecem se tornar mais altos até que quando chego perto da porta o som para. Coloco a mão na maçaneta devagar e giro-a devagar. A porta vem lentamente e então eu escorrego. Percebo que estou em uma escada que antes não estava ali. Eu olho assustado enquanto a porta abre nas minhas costas e surge um homem alto com máscara de gás. Quando me

viro ele olha para mim com raiva e mira com uma escopeta de cano duplo. Dá o tiro e eu volto à realidade. Meu quarto *maravilhoso*. Acabado como as rugas de uma mulher velha.

Olho em volta tentando entender o que foi isso e não consigo pensar em nada que pudesse explicar esse flash a não ser que eu estivesse recuperando a memória aos poucos. Isso era bom, mas muito assustador. Quando me sinto disposto eu levanto e sigo até a porta cambaleando como se tivesse levado mesmo o tiro, mas mesmo assim continuo reto até que seguro na maçaneta e percebo que está meia grudenta. Olho para as minhas mãos e vejo que é sangue. Isso é nojento. Instintivamente eu passo a mão na blusa ensanguentada tentando retirar o sangue, mas o resultado é exatamente o contrário. Nem mesmo Einstein seria alguém tão inteligente. Então passo a mão na parte de trás e consigo retirar um pouco.

— Isso é nojento!

Eu sei que farei a pior escolha da minha vida se abrir essa porta para descobrir o que está acontecendo, mas a minha curiosidade não me deixa nada covarde e me faz seguir em frente. Eu não sou louco. É o que repito em meus pensamentos tentando me convencer. A sensação angustiante desce pela minha garganta igual a um catarro preso que lhe faz engasgar e ficar sem respirar por alguns segundos.

Então giro a maçaneta e a porta abre com o som de madeira rangendo. “Igual aos filmes de terror”. Penso. Por alguns segundos espero que o homem de máscara de gás assustadora apareça atrás da porta com a escopeta apontada em minha direção pronto para espalhar um pouco de mim em todo lugar.

Esse lugar mais parece uma kitnet daquelas bem baratas. O lugar só tinha um banheiro menor que um ovo, o quarto onde me encontrava, e um pequeno e estreito corredor para a cozinha e sala ligeiramente unidas. Nem mesmo um rato acharia isso grande. Odeio ratos. O banheiro poderia estar infestado deles e eu jamais saberia por que não teria um pingo de curiosidade para descobrir. Nestas situações a covardia me abrange e me consome.

A porta do banheiro fica ligeiramente mais à direita do que a do quarto. Quase como se fosse um erro na estrutura, mas não acho que um inquilino ligaria para esse tipo de coisa já que o apartamento não é mesmo dos melhores. O corredor é pequeno não tendo nem espaço para duas pessoas direito exceto com uma pequena abertura onde ficava encaixada uma pequena estante.

Descontraído passo a mão na calça tentando retirar o sangue e percebo que tenho algo dentro do bolso. Parece uma carteira. E onde tem uma carteira certamente tem uma carteira de identidade. Já era alguma coisa. Admito que por um momento me sinto feliz, até perceber que tudo que tinha dentro era alguns fiapos e um cartão de telefone, aqueles para usar em orelhões. A nostalgia me bateria agora se eu lembrasse uma única vez que liguei para alguém. Seria uma dádiva lembrar qualquer coisa que me mostrasse quem sou ou por que estou aqui, mas não tem. No corredor tem uma minúscula estante com quatro gavetas e um pano velho em cima para dar aquele charme de lugar acabado. Reviro as gavetas da estante do minúsculo corredor e só encontro teias de aranha e mais fiapos. Isso me irrita.

Tudo isso é assustadoramente irracional. Parece um daqueles livros de mistério onde o protagonista não é confiável para contar sua própria história. Por ser louco, instável, psicopata ou outros motivos que levam o leitor a duvidar do que realmente acontece.

Não tem nenhum indício que mora alguém neste lugar. Parecem mais aqueles hotéis vagabundos que você leva uma garota bêbada que nem sabe que está lá com você. Este lugar nojento me dá ânsia, mas tem algo mais nojento ainda no chão. Gotas. Gotas de sangue. E assim como João e Maria eu sigo as migalhas de pão para encontrar o motivo do sangue em minha camiseta e na maçaneta. Elas me levam até a cozinha e mais alguns passos a sala onde acabo esbarrando na mesinha minúscula com a televisão mais antiga conhecida pelo homem. A tevê quase cai, mas eu consigo segura-la por mais alguns segundos até olhar em direção ao sofá na minha frente, finalmente deixando o quadrado mágico de cor cair sobre o chão de madeira que incrivelmente não

quebra o chão e mata o inquilino que mora no andar de baixo.

— Mas que merda! — Digo em fúria. — Vá se foder, mundo injusto.

No sofá a minha frente que mais parece um urso pedindo socorro após sair de uma briga com um dinossauro de tão rasgado e velho que está, tem uma mulher loira com um vestido rosa com os olhos abertos e uma expressão de medo. Talvez 28 ou 29 anos. Na sua testa tem um furo que vai até o outro lado e atravessa a parede que poderia ser feito do papelão mais vagabundo e mofado que existe. Ela morreu sentada aí.

A arma do crime está caída no chão. É uma Glock g25 com silenciador. Como eu sei disso? Não sei. Ela está longe demais para ter sido suicido. A arma está quente como se tivesse atirado há pouco tempo. Quem quer que tenha feito isso fez as pressas.

“Estou muito ferrado”. É a única coisa que vem a minha cabeça. “Estou muito, mas muito ferrado!”

Meu coração cria vida própria e eu consigo escutá-lo. Quem faria isso? Nada disso tem sentido e estou começando a ficar apavorado. Minhas pernas tremem. Por que alguém tentaria me incriminar? Será que era para me incriminar? Por que não me mataram também? Será que tentaram e falharam por qualquer motivo que seja?

Algo puxa meus pensamentos para o vácuo e eu consigo focar em um pequeno objeto. Um envelope. Incrível como algo tão insignificante como um envelope conseguiria me tirar a atenção de um cadáver. A questão é onde ele estava que chamava a minha atenção. A mulher estava segurando ele. Seja o que for que esteja ali, seria melhor se eu lesse.

Pego um pano em cima do que devia ser uma mesa em vez de uma tábua de madeira com pés e me aproximo do corpo olhando o chão para não pisar em nada que possa comprometer mais ainda a minha existência naquele lugar asqueroso. Pego o envelope sem me encostar na mão da mulher. Vou para o lado contrário quase tropeçando na televisão que estava no chão.

— Merda.

Piso em um caco de vidro bem pequeno que faz o meu pé sangrar um pouco. Estou descalço e vejo que tem um tênis encostado na porta. Isso dói, mas fico mais curioso com o que está dentro da pequena e mágica toca do coelho. Então desdobro.

Muitas pessoas ficam felizes quando recebem um aviso amigo. “Cuidado com indivíduo, ele não paga nada em dia!”, “Cuidado para não gastar demais!”. Óbvio que nem todos gostam de ser avisados, mas nenhum deles sentiu o que eu senti ao ler. Foi uma sensação ameaçadoramente amigável. Quem quer que tenha escrito sabe muito bem o significado da frase: “Quem avisa amigo é!”. No envelope dizia:

— Chamei a polícia. Você tem 10 minutos.